



**INSTITUTO IGARAPÉ**  
a think and do tank

## **AS DEFENSORAS - COMO SE DEFINEM**

**A pesquisa “Somos vitórias-régias” foi desenvolvida e executada com um grupo de 13 defensoras que representam as lutas das mulheres da bacia amazônica do Brasil, Colômbia e Peru.**

**Saiba mais sobre elas.**

### **Ângela Mendes (Acre, Brasil)**

“É acreditar numa causa e acreditar que por essa causa vale mover o mundo de lugar!”.

Filha de Chico Mendes, o líder seringueiro assassinado em 1988, é tecnóloga em gestão ambiental e coordenadora do Comitê Chico Mendes, movimento pela conservação da floresta e pela proteção das populações extrativistas e povos indígenas.

Foi uma das lideranças da retomada da Aliança dos Povos da Floresta em 2019, que fortalece a luta dos povos indígenas e populações extrativistas da Amazônia, renovando a iniciativa de Chico Mendes nos anos 80. Foi também uma das idealizadoras e coordenadoras da Campanha internacional Empate 2020: Povos da Floresta na Luta contra a Covid19 na Amazônia, lançada em julho de 2020 através de uma ampla parceria com organizações da sociedade civil no Estado do Acre.

De 2017 a 2020 coordenou a implementação do Programa Jovens Protagonistas da Reserva Extrativista Chico Mendes numa parceria do Comitê Chico Mendes e o WWF-Brasil.

### **Atener Wapichana (Roraima, Brasil)**

“É sentir a dor do outro, é se colocar no lugar daquelas pessoas que sofrem. Que por muitas vezes são leigas de informação, de como se defender, de como falar. Ser defensora é ser acolhedora”.

É da comunidade Indígena Tabalascada. Alfabetizada aos 10 anos, teve de sair da comunidade para concluir os estudos e se tornar professora indígena. Em 2010, passou a atuar como voluntária contra a violência contra os indígenas, especialmente a violência infantil. Seu trabalho ganhou maior dimensão quando foi trabalhar no garimpo da Terra Indígena Raposa da Serra do Sol e, mais tarde, com os povos ianomâmi.

### **Celleny Servitta (Amapá, Brasil)**

"Reconhecer-se como uma defensora é reconhecer e legitimar a própria história de vida, luta e resistência. É sustentar o desejo de alcançar, por todas, a justiça e a reparação de toda violência que sofremos e testemunhamos todos os dias".

Educadora popular e comunicadora comunitária e intercultural voluntária no Fórum Social Pan-Amazônico, Celleny começou a atuar como defensora na área do Projeto Jari, o império megalomaniaco de celulose criado pelo milionário americano Daniel von Ludwig na divisa do Amapá com o Pará nos anos 1970. O projeto ruiu em pouco tempo deixando um rastro de violência e destruição. Celleny participou durante 32 anos da Companhia de Dança Mandara, que formou meninas e adolescentes da região, e trabalhou como professora comunitária na região. Cursa Pedagogia na Universidade Federal do Amapá.

### **Claudelize dos Santos (Pará, Brasil)**

"Quando uma mulher nasce na Amazônia, nasce uma defensora".

Ativista de direitos humanos e do meio ambiente, é bacharel em direito e coordenadora do Instituto Zé Claudio e Maria, organização de defesa dos direitos humanos e o meio ambiente que leva o nome do seu irmão e cunhada assassinados em 24 de maio de 2011 por defenderem a floresta em pé. Coordena a rede de Coletivos de Defensores da Amazônia, trabalhando com defensores da floresta e da terra sobre mudanças climáticas, gêneros, proteção e cuidados sobre povos e comunidades tradicionais. Defende suas culturas, terras, território e florestas. Por seu trabalho foi indicada ao Prêmio Sakharov da União Europeia em 2019.

### **Dandara Rudsan (Pará, Brasil)**

"A gente é forjada para ser defensora. Se não reagir, se não fizer algo, a gente é aniquilada. E só é possível se ver defensora inserida numa rede de mecanismos de proteção única".

É articuladora política da RENFA - Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas. Começou a atuar como defensora aos 14 anos na luta contra a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, de onde saiu para estudar Direito em Tocantins. Quando voltou, em 2012, formada, para ajudar seus pais contra a desapropriação de sua casa pela usina, já era uma mulher trans. Foi rejeitada pela família e viveu em situação de rua por dois anos.

O encontro com o movimento negro a levou para outros rumos. Pós-graduanda em Direito do Trabalho e Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pará, foi relatora nacional em Direitos Humanos da Plataforma DHESCA e articuladora da Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas. Fundadora do Coletivo Amazônico LesBiTrans e do Nepaz (Núcleo Estratégico de Direitos Humanos e Promoção da Paz).

### **Dina Carla ( Maranhão, Brasil)**

"É ter coragem para desmanchar a corrupção impregnada em órgãos públicos, que beneficia poucos com muito e assim perpetua o rótulo de um Brasil tão desigual".

Nascida em Turiaçu, é farmacêutica-bioquímica pela Universidade Federal do Maranhão, especialista em Citologia do Câncer (Instituto Adolfo Lutz -SP) e Biologia Celular (Universidade Federal de São Paulo). No Hospital do Servidor Público Estadual em São Paulo, onde trabalhou por nove anos, iniciou o ativismo na área de saúde. Hoje, trabalha com gerenciamento de projetos – tem MBA pela FGV/SP no Maranhão. Vem de uma família preta. A mãe, Joana Barbosa, aos 50 anos iniciou uma faculdade; o pai Crescêncio Almeida era servidor público. Ambos eram entusiastas do investimento em educação.

### **Elizângela Baré (Amazonas, Brasil)**

"Ser defensora indígena é renascer perante o colonialismo, revivendo a cultura do nosso povo. Renascerei quantas vezes for preciso".

Liderança indígena do Alto Rio Negro, Elizângela é da Terra Indígena Cue-cue Marabitanas, na fronteira com Colômbia e Venezuela, e do Povo Baré. É socióloga, artesã, agricultora e professora, faz parte da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.

#### **Maria de los Angéles Navarro (Mapiripán, Meta, Colômbia)**

"Ser defensora representa um esforço e uma luta para buscar um equilíbrio entre a natureza e os seres humanos".

Liderança agroecológica, trabalha com comunidades rurais na proteção e conservação de recursos naturais com o uso de técnicas alternativas de produção.

#### **Melina Macuxi (Roraima, Brasil)**

"É ser voz do meu povo, honrar os nossos ancestrais e a memória de suas lutas e conquistas. É honrar a nossa história de existência, resistência, resiliência e (re)existência".

É do Povo Macuxi, antropóloga e pesquisadora nas temáticas de mulheres indígenas e povos originários da Venezuela.

#### **Miluska Elguera (Lima, Peru)**

"A defensora é uma lutadora corajosa, que enfrenta questões sociais com convicção política, guiada pelo amor e pelo bem comum para todos e todas".

Antropóloga pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos, é mestre em Desenvolvimento Humano pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, na Argentina. Especializada em território, identidade e processos políticos na Amazônia. Ativista feminista em espaços políticos como frentes e coletivos.

#### **Susy Gaby Díaz Gonzales (Ucayalli, Pucallpa, Peru)**

"Nós, povos indígenas sem território, estamos destinados a desaparecer. Ser defensora é proteger, defender a causa comum, nosso lugar. É seguir mantendo o vínculo com os espíritos da floresta".

Ativista dos direitos das mulheres indígenas, é formada em Direito e mestre em Gestão Social pela Pontifícia Universidade Católica do Peru. Presidente da Associação Intercultural Bari Wesna, vem atuando como defensora em programas de mulheres indígenas e defesa de direitos territoriais.

Em 2021, participou do programa de estágio em Direitos Humanos da Universidad de Deusto-España e do Alto Comissariado da ONU.

#### **Vanuza Cardoso (Pará, Brasil)**

"Defendo meu território/terra como defendo meu território/corpo, porque a interação que temos com a natureza é diferente de outras pessoas. Defendemos todas as vidas, humanas, não-humanas. Somos compostas por tudo o que há no ambiente natureza".

Líder quilombola, é presidente do Conselho de Igualdade Racial do Município de Ananindeua. É Yao da guiança do Território Quilombola do Abacatal. Antropóloga, faz parte da Frente em Defesa dos Territórios Tradicionais.

**Zulma Ulcue (Putumayo, Colômbia)**

“É ter cuidado com a mãe terra. Quando se violenta uma mulher, se agride sua sabedoria, sua cultura e sua luta por defender a mãe terra, as mulheres, seu conhecimento e o cuidado com a humanidade”.

Pertence ao Povo Nasa. Tem licenciatura em Etnoeducação, é psicóloga e especialista em projetos de desenvolvimento social. Atua nos processos políticos e organizacionais da reserva indígena Nasa.

Acesse a pesquisa [aqui](#).